2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 25. QUINTA FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

FABRICA DE AZEITE DE PURGUEIRA.

289 A fabrica da *Viuva Burnay & Filhos*, estabelecida no Baluarte de Alcantara, para a extracção do azeite da semente de purgueira, é hoje um estabelecimento de primeira ordem, e o unico do seu genero em Portugal, no valor de 54 contos de réis, empregando 40 e 50 pessoas diariamente. A sua fundação data de 1842, e desde então até fim de Novembro de 1850, tem importado das Ilhas de Cabo-Verde 13,472 moios de semente de purgueira, medida insulana, equivalentes a 244:991$075 réis, comprehendidos os direitos, despezas de embarque, commissões, etc. A dita semente tem sido transportada em 158 navios portuguezes, os quaes receberam de frete 196:400$000 réis.

Antes do estabelecimento desta fabrica apenas navegavam 2 navios entre a Metropole e aquellas Ilhas, sendo actualmente empregado pela casa Burnay de 20 a 30 navios. Desta navegação tem resultado muitas vantagens ao Commercio Nacional, pois uma grande parte dos objectos que anteriormente se consumiam naquellas Ilhas, íam do estrangeiro, por falta de communicações com Portugal, e agora vão de Lisboa, e por modicos fretes, como a cal, que ía do Gambia, possessão ingleza, a telha, mobilias, farinhas, bolaxas, bebidas, fazendas, etc.

Para que se possa fazer uma idéa das vantagens que os cofres da provincia de Cabo-Verde tem tido com o estabelecimento da fabrica em Alcantara, diremos, que em 1842 se impoz o direito de 12,000 réis por cada moio de semente que se exportasse para o estrangeiro, e 1 por cento para Portugal, afim de favorecer a industria e navegação nacional: — a semente de purgueira custava então 12,000 réis o moio. Desde 1846, a casa de Burney offereceu espontaneamente réis 15,000 por moio em moeda forte. Em Maio daquelle anno o governo, para beneficiar a provincia, elevou o direito a 1,500 réis por moio, e de então até fim de Janeiro de 1848 pagou a dita casa 3:562,000 réis de direitos. No mesmo anno de 1848 permittiu o governo que os estrangeiros pagassem o direito de 3,000 réis, continuando os nacionaes a dar 1,500 réis: porém a casa Burnay vendo que era sacrificada, preferiu offerecer-se a pagar 3,000 réis de direitos, com tanto que se conservasse aos estrangeiros o imposto primitivo de 12,000 réis, e foi attendida, pagando desde 8 de Fevereiro de 1848 de direitos, pela exportação de 7,170 moios em 78 navios nacionaes, 21:510,000 réis, fóra a despeza da alfandega e emolumentos; mas no fim de 1848 foram reduzidos os direitos para o estrangeiro a 6,000 réis, conservando-se os de 3,000 réis aos nacionaes, pretextando-se que era para animar os compradores e augmentar o preço: porém nada disto se tem realisado, porque apenas foram 2 navios para Inglaterra, continuando um a navegar; com a desvantagem de que estes navios levam a semente de purgueira comprada a troco de fazendas estrangeiras pelo mesmo preço de 15,000 réis o moio, que a casa Burnay paga a moeda forte. B.

A MINA DO BRAÇAL, NO CONCELHO DE SEVER DE VOUGA, DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE AVEIRO.

290 É uma grande desgraça, mas é uma grande verdade tambem, que a industria portugueza está ainda muito longe do que devia esperar-se da nossa posição politica, e mais nos convenceremos disso se nos dermos ao incommodo de fazer uma confrontação imparcial, entre o que fomos ha centos de annos, e o que somos hoje. Os portuguezes fizeram tal figura na mundo, em remotos tempos, que, se se tivessem adiantado progressivamente, constituiriam hoje talvez a nação mais civilisada da Europa. Entre tanto não tem acontecido isso; perseguidos por uma estrella malfadada, ao passo que os outros se adiantam em tudo, paramos nós, se é que não retrogradamos em muita coisa. Occasiões tem havido, é certo, em que parece querermos entrar no caminho do progresso verdadeiro; mas quando começamos a saboriar os nascentes melhoramentos, que nos promettem um futuro lisongeiro e brilhante, vem sempre uma circumstancia tolhedora, que transtorna tudo, e colloca-nos em peior posição do que dantes. Ainda bem que no meio destes contratempos todos apparecem animos ousados, que, cheios de esperanças no futuro, não esmorecem com o presente, mettem hombros a emprezas de alta monta, e, atravez de todas

as vicissitudes e riscos, não hesitam em dar fortes impulsos a estabelecimentos importantes, que são incontestavelmente uma fonte de riqueza para o nosso paiz.

Alguns desses contamos entre nós; mas, sem offensa de nenhum, limitar-nos-hemos hoje a fallar só do Sr. D. Mathias Fenerheerd, proprietario da Mina do Braçal, no Concelho de Sever do Vouga, Districto Administrativo de Aveiro.

A laboração de minas é uma das sciencias menos cultivada entre nós. O receio de perder, não sei se bem se mal fundado, tem feito entulhar a maior parte das minas em Portugal, que as tem de muitas especies; e este abandono, justificado ou não justificado de uma parte tão importante da riqueza publica, deu em resultado o abandono da sciencia, que lhe diz respeito. Se não laboramos as nossas minas para que queremos nós mineiros? Ninguem se tem dado pois positivamente a similhante estudo, e algum ensaio desse genero é quasi sempre feito por estrangeiros, ou por pessoas pouco competentes.

O Sr. Mathias não desanimou em nenhuma destas considerações, e comprando o direito de explorar a mina do Braçal, em completo abandono, creou alli um estabelecimento, que bem se póde chamar modelo, entre nós, e delle tira recursos para si, para a Fazenda Nacional, para os moradores do seu concelho e dos circumvisinhos, e para todos aquelles, que, querendo seguir o seu exemplo, vão achar no Braçal uma eschóla pratica de mineração.

O Sr. Mathias havia-nos convidado para assistir á inauguração de um novo leito dado por S. S.ª ao Rio Mao, que corria por cima da mina, e, annuindo com muita satisfação a tão obsequioso convite, tivemos o prazer de passar tres dias em caza do Sr. Mathias, e de vêr e examinar com toda a miudeza o seu importante estabelecimento, sem mesmo deixarmos de descer ao fundo poço e correr todas as galerias da mina. A mina tem tres galerias, e a terceira fica a 230 palmos de profundidade, sendo de 150 braças a extensão da galeria, que se acha mais adiantada. Emprega no seu serviço cem operarios de diversa importancia, em cujo numero entram só tres alemães; o resto é tudo portuguez. Os engenhos são movidos por tres rodas hydraulicas e uma turbina. Tem uma fundição tão bem montada, que, tendo quebrado na noite em que chegámos uma peça de ferro da machina, do pezo de uns poucos de quintaes, no dia precedente á uma hora da tarde estava fundida uma nova para substituir a quebrada.

O novo leito, que o Sr. Mathias fez para o Rio Mao, é sem duvida uma das mais importantes obras do seu estabelecimento, e constitue a prova mais evidente da energia, e decidida vontade de S. S.ª

O novo leito corre atravez de uma rocha, que o Sr. Mathias fez vasar na extensão de 680 palmos de comprido, 8 pés de alto e 5 de largo, com um declive de 5 palmos, formando um *tunel* em miniatura, que custou muito trabalho e muita despeza.

A uma pequena distancia da Mina do Braçal jaz a Mina da Malhada em começo de trabalhos, devidos tambem á solicitude e fadigas do Sr. Mathias, que é o seu principal proprietario.

Não concluiremos este artigo sem approveirar a occasião, para o felicitarmos pelo bom resultado dos seus aturados trabalhos, que são incontestavelmente dignos de toda a consideração, e, dizemos até, de uma proteção especial do Governo. Oxalá que S. S.ª não desanime, e lhe não faltem os meios para proseguir com assiduidade na sua penosa tarefa. Tambem pedimos licença a S. S.ª para lhe darmos aqui um testimunho publico de agradecimento pelo bom agazalho que nos deu e pelos distintos obsequios, que nos fez durante a nossa demora em sua casa, donde saimos com saudade tal, que nos fará conservar no coração uma recordação eterna e lisongeira.

J. M. DE SOUSA LOBO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIII.

Aniceto Muleta resolve salvar a patria.

291 Deixámos o Sr. capitão Aniceto Muleta, correndo para o Terreiro do Paço a bom correr. E o caso era para isso; porque o perigo em que o posera a sua insaciavel curiosidade, fôra dos maiores, a que naquelles tempos podia expor-se qualquer capitão de milicianos. Descubril-o alguem da casa do Infante, quando elle estava escondido por detraz de um reposteiro a espreitar as palavras e os gestos de Sua Alteza, era o mesmo que ser agarrado por quatro mulatos da cavalhariça e azurragado no pateo do Corte-Real, até já se lhe não sentir folego de vivo. A justiça seria prompta; e entre o crime e o castigo talvez mediassem minutos apenas.

Escapou, porém, o Sr. Aniceto a tamanho risco, graças a essa protecção que o demonio dá aos que o servem; e, bem dizendo o instante em que se via longe do Corpo Santo, parou em fim de correr no meio do Terreiro do Paço, e poz-se a meditar nos perigos e vantagens da sua situação.

Meditou, meditou, mas nada concluiu; porque as idéas andavam-lhe em tal confusão e barafunda, que elle não podia atinar com o fio que prendia umas ás outras. Resolveu, pois, recolher-se ao convento da Graça, onde o seu amigo Fr. Thomaz do Espirito Santo lhe arranjára por alguns dias uma cella para dormir e um logar na mesa do refeitorio.

Tomou pela rua Nova direito á Sé; trepou apressadamente a calçada que vae aos antigos

paços reaes, transformados já em habitação de criminosos; passou, correndo, pela estreita rua de S. Thomé e chegou emfim á portaria do convento da Graça.

Os frades estavam á cêa, e esta nova, que o porteiro do convento deu ao Sr. Aniceto com um sorriso de satisfação, porque esperava que fosse recebida como uma boa nova, não teve poder para desenrugar e sobreolho do preocupado capitão. Em vez de se encaminhar para o refeitorio, o Sr. Aniceto Muleta subiu as escadas que íam dar ao seu quarto, pedindo ao porteiro que avisasse Fr. Thomaz, que elle lhe dezejava fallar naquella mesma noite.

Fr. Thomaz do Espirito Santo, que era o mesmo silencioso Fr. Thomaz, que o leitor já conhece de casa da tia Brizida, não se fez esperar. Mal acabou a cêa, correu logo ao quarto do illustre miliciano, resolvido, não a fallar, porque para tanto se não sentia elle com forças, mas para escutar com muita attenção as palavras do seu amigo.

Está dito já agora, nem é possivel escondel-o por mais tempo. Fr. Thomaz, o pacifico, o modesto, o honrado, porque o era e muito, o honrado Fr. Thomaz tinha amizade intima com o capitão Aniceto Muleta, grande bulhento apesar de medroso, grande fanfarrão, e grandissimo velhaco. Explicar como esta amisade existia, não é possivel talvez. A attracção, a combinação intima de substancias com qualidades oppostas está-se cada dia observando na natureza inorganica; e é até entre corpos, que mais affastados parecem pelas suas propriedades, que melhor se manifesta a *affinidade*, essa força que une, e consubstancía uns nos outros os elementos. Esses fluidos imponderaveis, auras velozes que correm pela terra como principios vitaes, animando-a, dando-lhe formosura, movimento, e vida, esses fluidos, que mais participam das qualidades dos espiritos que das propriedades da materia, tambem só quando oppostos se atraem. Se as coisas se passam deste modo na natureza, não é para admirar que o amor e a amizade, essas attrações, essas affinidades electivas, se deem de preferencia entre individuos de mui diverso e até de opposto caracter. São geraes e simples as leis que regem o mundo; e quando bem se pensa no que succede na immensidade do espaço, e neste pequeno globo — pequeno, pequenissimo em tudo e por tudo — em que vivemos, perde-se totalmente a faculdade de admirar o bem ou o mal, o bello ou o feio, isto é, perde-se a faculdade que mais diverte, a unica talvez que tem poder para nos fazer levar com paciencia esta enfiada de impertinencias, que por si só constitue a vida.

Expliquem, porém, como quizerem estas amizades de Fr. Thomaz e do Sr. Aniceto Muleta; que ellas existiam, isso é sem duvida: sincera e desinteressada a do frade, interesseira e cavilosa a do miliciano. Para estas relações hybridas tinha, como para tudo, contribuido o acaso.

O Sr. Aniceto fôra destinado por seus paes para a vida religiosa, e entrára noviço n'um convento em que era mestre de noviços Fr. Thomaz. O frade tomou debaixo da sua proteção o noviço, provavelmente porque este lhe fazía todas as perrices imaginaveis, e o não deixava socegar um momento; e daqui lhe veio essa amisada indestructivel por Aniceto Muleta que, nem a sua desobediencia aos preceitos paternos, nem a sua criminosa fugida do convento para ir assentar praça n'um regimento de milicias, pôde, se quer, alterar. Fr. Thomaz não queria menos ao capitão de milicianos, do que quizera ao travesso aprendiz de frade. O Sr. Aniceto sabia quão util lhe podia ser a amizade do frade, e por isso a cultivava com aquelle melindre e solicitude, com que os previdentes homens cultivam os amigos que, em occasião opportuna, podem abrir as portas de um refeitorio, ou desatar os cordões de uma bolsa. Quando, na vida agitada que levava o Sr. Aniceto, era victima de um revez, corria logo ao convento de Fr. Thomaz pedir abrigo e protecção; e nem uma nem outra coisa lhe era negada.

Fr. Thomaz do Espirito Santo tinha na solidão e no silencio nutrido sempre um desejo de todas as horas, amado como uma idéa fixa; mundano, pecaminoso talvez, mas desculpavel n'um pobre frade, que dos prazeres do mundo só conhecia no seu convento, o côro e a livraria. Fr. Thomaz desejava ser auctor: pouco ou nada lhe importava o assumpto, o que elle queria era ver, em letras vermelhas, o seu nome impresso na primeira pagina de um livro, publicada com as indispensaveis licenças do Santo Officio e do Paço.

Emprehendeu a historia da ordem a que pertencia, mas faltaram-lhe os documentos, dizia elle, e não passou nunca da terceira pagina. Começou depois a historia do convento da Graça, porém não foi mais feliz. Desistiu da historia, e deitou-se ás sciencias theologicas: mas nada pro-

duziu, que podesse ser dado á estampa: as sciencias são difficeis, e o frade era tolo. As musas nunca o favoreceram com um unico verso que não fosse errado; e Fr. Thomaz, o pobre Fr. Thomaz, começava já a perder as esperanças de vêr o seu nome em letra redonda, quando uma noite lhe entrou pelo convento dentro, em Fronteira onde elle estava então, o seu ex-noviço Aniceto Muleta, morto de fome e de frio, mas recheado de boas idéas.

Logo que viu refeito e aquecido o Sr. Aniceto Muleta, o frade expoz-lhe em doze palavras, se tanto, — Fr. Thomaz era, como o leitor sabe, de um prodigioso laconismo — a causa dos seus desgostos.

O capitão Aniceto escutou, ou antes adivinhou o que o graciano lhe queria dizer, e depois de cogitar um pouco, ora coçando a testa, ora metendo na boca as pontas do bigode, percebendo que era chegada a occasião de captivar para sempre a vontade do frade, exclamou, como se lhe tivesse entrado no espirito subita inspiração:

— Fr. Thomaz, meu rico Fr. Thomaz, está escripto o livro, o livro que o ha de cubrir de gloria.

O frade contentou-se com abrir os mais espantados olhos que imaginar se podem.

— É um livro — proseguiu Aniceto — que ha de ser lido por toda a côrte, que ha de andar sempre na mão dos fidalgos; estimado, admirado, decorado por todos!

— Sss! — sibilou Fr. Thomaz.

— V. R. sabe, que é moda na côrte dizer *galanteria* ás damas.

O frade fez com a cabeça um signal negativo.

— Não sabe? pois é o mesmo. V. R. tem muito geito para inventar galanterias, e conceitos; e póde escrever sobre este assumpto um excellente livro.

— Eu?

— V. R. sabe comparar as damas com as estrellas, com as flores, com o sol, com a lua, com as pedras preciosas, sabe tomar as palavras em dois sentidos?

Fr. Thomaz abanou a cabeça.

— Está sempre a fazer trocadilhos, a qual mais excellente. Verá, Fr. Thomaz, verá que havemos, que ha de fazer um livro que não terá segundo em Portugal.

O frade estava admirado do que ouvia, e parecia-lhe impossivel, fazer não um livro como o de D. Francisco de Portugal, mas um conceito, uma simples comparação. Elle, que quasi nunca passava do monossillabo, como poderia ter geito para trocadilhos? quem lhe daria forças para virar e revirar, torcer e expremer palavras, para dellas tirar coisa que satisfizesse o gosto alambicado dos fidalgos da corte? Fr. Thomaz bem percebia a impossibilidade que havia para elle em escrever uma nova *arte de galanteria*; como porém era necessario fallar, para provar ao Sr. Aniceto que a vaidade o não cegava, o modesto graciano callou-se e esperou.

No dia seguinte a obra começou. O Sr. Aniceto parecia inspirado: eram conceitos sobre conceitos, graças alambicadas e trocadilhos aos centos; e o livro a crescer, e a tomar vulto. E tal era a manhosa giria do capitão de milicianos, que o bom do frade estava persuadido que era elle proprio o auctor do famoso livro, e começava emfim a crer que o seu nome figuraria, em grossas lettras, no frontespicio de um volume de oitavo.

Não se persuadam porém que o auctor do livro de Fr. Thomaz era o Sr. Aniceto Muleta: o verdadeiro autor da nova *arte de galanteria* era o mestre salla do Paço, o Sr. D. Lucas de Portugal, famoso fazedor de *calemburgos* — *conceitos* se chamavam naquelles tempos a esses insipidos joguetes de palavras — de ditos agudos, e de finezas requintadas. O capitão Aniceto furtára a D. Lucas uma copia do livro, que este contava dar á estampa com o chistoso titulo de *Ditos de quem não tem dita* *; e era deste precioso manuscripto que elle tirava as suas inspirações, para enganar o seu amigo frade.

O livro ía ás mil maravilhas; as paginas compostas por D. Lucas de Portugal íam uma a uma passando para a obra de Fr. Thomaz, quando a dama flamenga de D. João de Austria passou fugida por Fronteira, depois da batalha do *Canal*, e o capitão Aniceto, conscio dos seus direitos como militar aos despojos do inimigo, se associou á quadrilha, que atacou, insultou, e roubou a amante do principe hispanhol. As consequencias deste acto heroico do Sr. Aniceto já os leitores conhecem por um dos precedentes capitulos.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

* Quem quizer conhecer e conceituoso livro de D. Lucas, e desenganar-se de que o *calemburgo* é coisa velha em Portugal, consulte na bibliotheca da Ajuda a *Collecção de papeis varios*.

UM SEDUCTOR EMPULHADO.

I

292 José Direitinho,
E Bento Sacão,
Andavam de ponta.
¿ Sabeis a rasão?
Porque, Magdalena,
O trinque das môças,
Da villa de Bouças,
Queria José,
Mofava de Bento.
— Este, era a relé
Dos maus ferradores;
Se mau, no officio,
Peor em amores.
Matava-se, em vão,
O pobre Sacão;
Mas, qual carapuça,
Nem loira, nem russa,
Lhe dava attenção.
Que havia de ser?
Se tinha uma cára,
Tão feia, tão rara;
Sem pedra de sal;
Nem geito, nem graça:
Boa, para raça,
De nôvo animal,
Já homem, já môno,
Macaco, ou bugio:
Cára de fastio,
D'amante, de somno...
Carêta, carão....
Em poucas palavras,
Cára de Sacão.
Homem, no demais,
Um tanto bulhento:
De muito beber,
E pouco sustento.
— José, p'lo contrario,
Um môço d'assento.
Mestre çapateiro,
Não digo, um portento,
Mas official,
O mais acabado,
Em todo o calçado.
Sóla e cabedal,
Cortava, cosia,
Juntava, brunia,
Com tanta mestria,
Com tal solidez.....
Só tinha um defeito,
Não era francez!...
Prendado — isso então.....
Tangia vióla;
Lia de cadeira
No jogo da bóla.
Ajudava á missa,
Por qualquer dos ritos:
Castrava cabritos....
Sabia o Bandarra
De fio a pavio;
E lá desgarrada,
Melhor não se ouviu.
Escuso dizel-o,
Que a fundo sabia,
A náta dos livros
Da cavalleria.
= Formosa Floripes,
Valente Roldão,
O grande Oliveiros,
O Carlos pimpão;
De faixa e coeiros
(José repetia),
Os eu conhecia.
— Bonito, em bonito,
Não era: nem feio;
Cára, sobre o cheio,
Corpo, delgadito;
E quanto a costumes,
Ninguem lhe arranhava:
Comia, e pagava.
Á vista do quê,
Bem claro se vê,
Que, o ser preferido,
Era merecido.
— Quanto a Magdalena,
Não ha descrevel-a.
Aquillo só vêl-a,
Comprida melêna,
Rosinhas no rosto,
Colete, bem posto;
Saia de serguilha,
Tamanco de borla.....
Era maravilha!
Pois quando nos beiços
Sorrisos volvia.....
Nome de Maria!
Sempre eram feitiços,
Que voltas dariam
Ao rei dos toutiços.
E digo, e redigo,
Que, o mais comedido,
Se a visse ficava

De queixo caído.
No demais — coitada,
Mui pobre e honrada.
Por falta, não era,
De certos senhores,
Pavões — seductores,
De lingua, e de vista,
Lhe andarem na pista:
Querendo, com manhas;
Contal-a na lista
De suas façanhas:
Que infames, não são;
Brinquedos, apenas;
Romanticas scenas;
Que, assim as diria,
A pouca vergonha
De grão senhoria!
— Coitada — não era,
Que, muitos havia.
Embora, que a môça,
Se mal os ouvia,
Bem os despedia.
E tanto, que um dia,
Pansudo agiota,
Por nome, Patóta,
Indo ella, a descuido,
Caminho da fonte,
Saiu-lhe defronte;
E sem mais ouvil-a,
Tentou seduzil-a!
Mal, isto não era,
Vereis Magdalena,
Qual, forte Amazona,
A dar-lhe tapôna;
Que, nunca o judeu,
Quiz outra contenda.
Ficou-lhe de emenda.
Se bem, que dizia,
Visinho barbeiro,
Doutor em soalheiro:
= As contas, por saldas,
Não creiam vocês.
Patóta, é má rez;
E quem, me não diz,
Que, dá protecção
A Bento Sacão,
Com vistas occultas,
Damnada tenção?...
De vil usurario,
Não fio um rosario.
Eu cá, d'uma vez,
Conheço o freguez.

II

Uma noite, de serão,
Quinta feira de comadres;
Ellas, pela sorte eleitas,
Elegidos os compadres;
Em alegre sociedade,
Reunida a visinhança;
N'um casal, perto de Bouças,
Era o sitio da folgança.
José, Bento, e Magdalena,
Tinham sido convidados;
E convites, em tal noite,
São preceitos declarados.
Não faltaram. — Já corriam
As canécas, mão em mão;
Mil saudes, assentavam
Em roda de salpicão:
Já, o lombo do cevado,
Por agudo, negro espêto,
Ao comprido atravessado,
Dava seu giro pausado,
Sobre esguia pingadeira,
Junto ao lume da lareira:
Sonhos, tortas, linguiça,
Fritos, dôces, e folhados;
Em fim, santos nomeados,
Na doutrina culinaria,
A que chamam — bons bocados.
Os convivas, *satisfeitos*,
Louvavam, á *bocca cheia*,
A *graça* d'uma tal cêa;
E o banquete discorria,
Entre risos, ditos, chufas;
Coisas proprias, em tal dia.
— Ora viva! (este dizia):
Despicaram-se, comadres;
Tiveram dia de rosas —
= Veremos, se assim o tem,
(Diziam ellas tambem),
O seu dia de compadres.
Não me dava de apostar,
Que vem, com dia pingado.
Homens, podem nunca estar.....
— ¿ Porque não? = Eu cá m'entendo
Parece-me, que estou vendo,
A quinta feira, a chegar,
Logo o céu, a despejar =
— Aposte! = Fica apostado,
Em que, d'hoje, a oito dias,
Hade haver dia molhado.
— Não chove = Chove ás canadas =
— Quanto aposta? = Quatro empadas =

— E eu aposto o serrabulho,
Os rijões, mais o risol,
Do porco, que matei honte,
Em que, o dia vem de sol!
« Vae d'aposta? Tenho dito;
Se chover, perco um cabrito! »
E vocês? — Peço attenção,
(Diz o mestre çapateiro,
Em seu ar, silencio impondo,
Qual poeta n'um oiteiro.)
— Quinta feira de compadres,
È d'homens. Ou chova, ou não,
Vóto, fique, á nossa conta,
Todo o gasto da funcção. —
= Nada, nada — Ora attenção.
Não findei o meu sermão.
Nas apostas das comadres
Bolir! eu? — que sem rasão!
O que digo, se o não disse,
É que haja outra funcção.
« Isso sim — Agora — Já.
Vinho! Vinho! — Venha vinho!
Vá de roda — Beba lá.
Em saudes, em gracêjo,
O serão lêdo corria;
Transbordavam d'alegria
Todos.... — todos menos um,
Coitado — que mal soffria,
Vêr Magdalena e José,
Em um banco, ambos sentados;
Um no outro, olhos pregados.
Fervia o sangue, em cachão,
Do refugado Sacão;
E vingava-se, o ladrão,
Para zelos afogar,
Em canécas despejar.
Vinho branco, vinho verde,
Agua-pé, ou feitoria,
O mestre não escolhia.
Era liquido — bebia.
Tanto em fim, bebeu, bebeu,
Que a cabeça lhe treslouca,
E vel-o, senão por terra,
Pelo menos, já de *touca*.
— Entretanto, direitinho
Puxa as cordas á viola,
E despica-se em cantigas,
Tanto, ou mais, que em bater sola;
Dando assumpto á cantilena,
As graças de Magdalena.
Chama-lhe — lyrio do prado,
Na corrente debruçado;
Bem-disposto amor-perfeito,
No canteiro de seu peito:
E por fim, — rosa amarella,
Por caír com *Madanéla*.
— Ressoam vivas, saudes,
Ás canções do çapateiro,
Que inspirando-se vaidôso,
Chama os outros a terreiro.
Mas debalde: tudo cála,
Onde o *genio* solta a falla.
« Ah! meu tempo, meu bom tempo,
Diz um velho, a voz alçando:
Desafio, não aceito,
Houve-o nunca? Como? Quando?!
Nem sequer, uma garganta,
Uma só — de muitas — canta!
Que a segunda vá fazer,
Pouco, ou muito — responder!?
— Eu!!! — Num bérro atroador,
Grita o mestre ferrador.
— Fez silencio d'um momento,
Escarrou, assobiou,
E depois principiou.

SACÃO.

Bulharáco çapateiro,
Porco és, por lei antiga;
O teu officio t'obriga,
A ser de caens thesoureiro =
— Pára = ¿ Então, ninguem responde?
Acabou-se-lhe a chibança?
Ó seu *Zé* você não dança?...

JOSÉ.

Se estivera em seu juizo,
Boa dança, eu lha daria;
Á letra responderia.
Mas ....

SACÃO.

Você *só* trinca-espinhas,
A fallar em valentia!..
Vae, que fedes a cerol,
Meu gaitinha de *bêmol*.
Çapateiro, remendeiro,
Comes tripas de carneiro;
Mal lavadas, bem la.....
— *Traz!* —
Vióla na cara
De Bento Sacão,
Que o fez ir parar
De ventas ao chão!

« Jesus! — tem sangue! »
= Ai pobre do moço! =
— Soccorro! soccorro! —
Ha grande alvoroço.
— O caso viu feio,
E já, com receio,
José vira d'ancas,
E põe-se nas trancas.

MAGDALENA.

Mofina de mim!
Negra foi a hora,
Em que eu aqui vim.
José, que ha de ser,
Se querella de ti!
Negra foi a hora,
Que me trouxe aqui.

José, se te vejo
Em ferro d'elrei!
Negra foi a hora,
Como não cuidei.

SACÃO.

Ai, ai, ai.

MAGDALENA.

Depressa
Um pucaro d'agua,
Que morre de fragua.

SACÃO.

Querem-me matar!

MAGDALENA.

Querem-no curar.

SACÃO.

Com agua! — só — se é. . . .
Se fôr. . . . agua pé!. .

III.

Era o dia memorando
De loucura universal,
Em que, velhos e meninos,
Todos brincam, por egual.
Singular dia revolto
Em batalhas desesperadas,
De laranja, óvos, tremóços,
Agua, pós, e caqueiradas.
Laranjas — são *bála-rása*,
Os *tiros* — estálos são;
As seringas — *espingardas*,
A *metralha* — é o feijão,
Ruas — *campos de batalha*,
As escadas são — *tranqueiras*,
As casas — *praças de guerra*,
As janellas — *canhoneiras*.
De manhã — *escaramuças*,
Tiroteios: chega a tarde,
Come rancho, *péga em armas*,
Em *descargas*, tudo se arde.
Cessar fôgo! Déra o tóque,
A machucada panéla,
A arrastar-se, pelas ruas,
Presa, em rábo de cadéla.
Passam mascaras avulsas,
Ri, delira a populaça:
Tóca musica — vem dança,
Armisticio, em quanto passa.
Anoitece. As *baterias*,
Voltam — *frente á rectaguarda*;
Nas ruas — *tóca a silencio*,
Em casa estoira a *bombarda*.
Vem reserva: — é chá salgado,
Com seus tires á *bilbóde*,
De pulhas, filhós d'estôpa;
Diz-se, faz-se, o que se póde.
Sála, alcôva, e cosinha,
Tudo, em fim, vae *d'escalada*.
Apolvilham-se, enfarruscam-se,
Amo, amas, e creada.
Já tarde — somno e cansaço,
Fazem *capitulação:*
Retiram — *parlamentários*,
A *quarteis* — todos se vão.

—

Magdalena, era sosinha,
Assentada, ao pé da fonte,
De José chorando a ausencia,
Que fugido, andava a monte.
Ás instancias de Patóta,
Querellou mestre Sacão;
Das justiças alcançando
Um mandado de prisão.
Magdalena, era sosinha,

Como disse, ao pé da fonte,
Toda entregue a seus pesares,
Quando vê, ao pé — defronte. —
Quem viu ella? O seu José,
Trage e rosto, disfarçado;
Que, o acaso alli trouxera,
Quando menos esperado.
Ella conta da querella,
Do mandado de prisão,
Das promessas de Patóta,
Da vingança de Sacão;
Elle escuta; e meditando,
Diz por fim: — Percebo a peita.
Querem-nos comprar a honra!
Vá; — e diga-lhe, que acceita:
Que o espera em caza á noite,
A entregar-lhe em propria mão,
O termo de desistencia,
Da querella, e da prisão.

MAGDALENA.

Meu José, vê não me percas.

JOSÉ.

Não temas: serei comtigo.
É patife, hei-de ensinal-o.
Vae; e faze o que te digo.

IV.

Barba feita, perfumado,
Todo secio vae Patota;
Trage rico, mas sem gosto;
Em *toilete* de agiota.
Escarrou, bateo de manso,
= Sou eu = disse, em máu falsete.
Abre-se, entra, e no degrão,
Tropeça c'o joanete.
Rindo, com tom amavel — parvo,
Cumprimenta, beija a mão;
Não faltei; — diz, aqui tem,
O papel da transacção.
Trabalhei, como um galego,
Suei tanto, como um boi;
Mas venci: por seu respeito,
Da menina, tudo foi!
Por ti só! minha riqueza. . . .
Venha um *xi*, linda pequena. . . .
Ella fóge, e logo á porta,
Batem, gritam: = Magdalena! =
Porta aberta; — Patóta encolhido.
Entram homens de fatos mudados,
Vem de mouro, de preto, de mágo,
Estes, chamam-se, os *encaraçados*.
Falla um Mouro d'alfange despido:
« Agiota, ou captivo em Argel,
Ou m'assigna, já, este papel, »
Diz o Prêto, d'estoque apontado:
« Ou no *blanco* pôr o *plêto*,
Ou *assáro* neste espêto. »
Patóta duvida, não quer assignar.
O Magico avança, seringa no ar;
« Por artes, *berléques*, *berliquis*, *berlóques*,
Em armas de fôgo — seringas estoques,
Transformem-se já. »
Pistolas disparam; Patota gritou.
Coberto de sangue, de prompto assignou.
— Em casa, já livre, correndo, só pára;
Com agua lhe lávam, alimpam-lhe a cara;
E quando feridas s'esperam tremendas,
As faces lh'avultam, sem rachas, nem feridas;
Patóta benzeo-se! não tinha de que:
Que o sangue era estranho, bem claro se vê:
Á cára esguichado foi, quando fez *pum!*
D'occulta seringa, sangue de perum!
— O caso sabido, foi posto em soalheiro,
Com seus commentarios do mestre Barbeiro,
E logo Patóta, d'alcunha chamado,
Por todos, á uma — o *encaraçado*.
Mafra: Fevereiro de 51.

J. DA C. CASCAES.

REVISTA DOS THEATROS.

Theatro de D. Maria — *O Pai Prodigo*; e os *Dois Sargentos*. Theatro de D. Fernando — *O Postilhão de Lonjumeau*, e um baile. Theatro do Gymnasio — *Morrer para ter dinheiro* — *O Moinho das Tillias*.

293 « O Pai Prodigo » é uma comedia em 5 actos, tradusida do francez: sendo « Valeria » o seu titulo primitivo. É uma peça de bastante enredo, e calculada para a platéa. Como obra d'arte, muito pouco ou nada val; os caracteres são communs e sem novidade dramatica; e o estylo, principalmente, chato, sem animação, nem relêvo. Este defeito muito prejudica a comedia, tirando ás situações, em que não é escassa, toda a poesia, e por consequencia todo o effeito de scena. A linguagem vulgar, em situações que demandam energia, faz esfriar o sentimento, e rebaixar a intenção do escriptor.

Os caracteres uns são impossiveis, outros, como

o de Valeria, d'uma excentricidade repugnante. O enredo apesar de ser muito, é descosido; e não prende por isso tanto, como podia prender, se os mesmos elementos fossem aproveitados com mais arte. O publico recebeu friamente esta comedia na sua primeira representação.

« Os Dois Sargentos » é uma comedia n'um acto, e em que só entram tres actores. O pensamento é bonito; o dialogo bem sustentado; e os caracteres descriptos com alguma novidade. Tem porém duas scenas demasiado longas para uma comedia d'um só acto; e o desfecho parece-nos além de invorosimil, mal dedusido das scenas anteriores, e pouco satisfatorio absolutamente fallando. Em quanto á traducção achamola pouco esmerada; e ressentindo-se a miudo de palpaveis francesismos. O publico applaudiu esta comedia, que, como já dissemos, tem alguma novidade dramatica, bom dialogo, e caracteres soffrivelmente desenhados.

« O Postilhão de Lonjumeau » é uma opera comica em 3 actos ultimamente representada no Theatro de D. Fernando. A musica é bonita, mas de summa difficuldade para as forças da companhia. A acção passa-se no tempo de Luiz XV, épocha sempre fertil para composições deste genero. O pensamento é muito engenhoso, e sempre sustentado e desenvolvido com conhecimento do theatro. Resume-se n'isto. Um Postilhão de Lonjumeau acabava de se casar, quando o marquez de Croisy, intendente dos theatros reaes chegava a Lonjumeau incumbido por El-Rei Luiz XV de escripturar cantores para o seu theatro. Agradando-lhe a bella voz do Postilhão, de tal maneira o soube captar, que o resolveu a partir para Versailles, abandonando a mulher com quem ha pouco se cazára. No segundo acto, tem-se já passado dez annos. O postilhão metamorfoseado em cantor, arrebata Pariz inteiro, e principalmente as senhoras. A aldeã, com quem se casára, tendo recebido uma avultada herança, acha-se feita condessa, e entretem-se nas horas vagas namorando o seu rebelde marido. As coisas chegam por fim a ponto de se reconciliarem, tendo-se ambos cazado segunda vez, e protestando nunca mais se desunirem. Como veem, o enredo é summamente espirituoso; a musica porém é de tal força, principalmente a parte do postilhão, que o Sr. Rorick mal póde com ella. O Sr. Sargedas tem tambem musica superior á sua voz, e a Sr.ª Druizilla, como atriz, parece-nos pouco amestrada nos segredos de declamação, de que muito partido poderia tirar no terceiro acto da opera-comica.

Os espectadores receberam bem esta peça, em que muito avultam as bellezas musicaes, e não menos as dramaticas.

« Um baile » é uma composição sem novidade, sem mimo, sem chiste; e o que mais é ainda, sem merito de scena, nem de observação. O enredo é impossivel transportado para portuguez, e a linguagem incorrecta e pouco de salla, mesmo na bocca dos personagens que a deveriam saber fallar. Não tem agradado, apesar de nem se quer ter merecido as honras da pateada.

« Morrer para ter dinheiro » é o titulo d'uma engraçada comedia n'um acto que se representou no Gymnasio. Tem bonito dialogo, situações altamente comicas, e alguns caracteres bem descriptos. O publico tem sympatisado e com rasão com esta comedia.

« O Moinho das Tillias » é uma opera comica n'um acto, de musica ligeira, e accommodada ás vozes dos cantores. O enredo é vulgar, mas disculpa-se pela brevidade da composição. O desempenho corre regularmente.

* * *

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

15 a 31 de Janeiro.

DIARIO N.º 16.

294 Regulamento para provimento das cadeiras de Instrucção Secundaria.

DITO N.º 17.

Mappa do Vinho e Agua-Ardente despachados nas Sete Casas no anno economico de 1849 a 1850.

Mappa do Azeite despachado para consumo da capital nos annos economicos de 1839 a 1840 até 1849 a 1850.

DITO N.º 20.

Portaria regulamentar para a entrada dos doentes nas enfermarias do Hospital de S. José.

DITO N.º 21.

Consulta da Commissão administrativa da Misericordia e Hospital de S. José dando conta das reformas e melhoramentos praticados naquellas duas repartições.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal em 31 de Dezembro de 1850.

DITO N.º 27.

Carta de lei ordenando o seguinte:

Artigo 1.º Cessam de ter curso legal no continente do reino, as moedas de oiro estrangeiras de qualquer denominação que sejam; exceptuando só-

mente os soberanos, e meios soberanos inglezes, que continuarão a correr pelo valor, que actualmente teem de 4$500 e 2$250 réis.

§ *unico.* A disposição deste artigo começará a ter vigor, em Lisboa, oito dias depois da publicação desta lei: e nas provincias, quinze dias depois da mesma publicação.

Art. 2. Durante os prasos acima fixados, e tres dias mais além delles, o governo trocará as moedas de oiro, que ficam fóra da circulação, por outras com curso legal.

Art. 3.° É elevado a 1$000 réis por marco o direito de 100 reis, que actualmente paga por sahida a prata em bruto; barras, pedaços e objectos quebrados.

Art. 4.° O governo adoptará as providencias necessarias para a execução desta lei.

Extracto da nova pauta das Alfandegas, russas publicada em 10 de Novembro de 1850, e que terá vigor no 1.° de Janeiro de 1851.

UM BAILE.

295 No dia 25 houve um dos melhores e mais esplendidos bailes, que tem sido gosados pela sociedade de Lisboa. Abriram-se as elegantes salas da Exm.ª Sr. D. Marianna Carolina Ribeiro. Foi uma festa sumptuosa e bella, digna das virtudes e da delicadeza de quem recebeu, em sua casa, o que se póde chamar a melhor sociedade da capital.

As honras da caza eram feitas por tal modo — o baile tinha sido tão excellentemente dirigido, que todos os convidados pareciam uma só familia reunida em sallas, onde a riquesa era vista sem se mostrar, e onde a elegancia e o bom gosto produziam uma harmonia encantadora. Festas desta ordem registam-se melhor, nas recordações intimas da vida para nunca esquecerem, do que nas paginas de um jornal.

THEATRO DE S. CARLOS.

296 A *Fausta* tem continuado a estar em scena. Representou-se novamente a *Semiramis*, e novos triumphos tiveram as distinctas cantoras.

A nova dança os *Guardas Marinhas* tem agradado. A Sr.ª Bussolla que pela terceira vez dança em S. Carlos, como primeira bailarina absoluta do genero francez, dança com muita graça, e perfeitamente executa o lindo passo a dous com o Sr. Gabrielli, o qual tem agradado, e é de um bello effeito.

Este passo tem sido sempre aplaudido e na representação de segunda feira foi interrompido pelos applausos. A Sr.ª Bussola constantemente applaudida, justificadamente merece os applausos com que é recebida pela graça e firmeza da sua dança. A Sr.ª Sophia Constancia desempenha, nos *Guardas Marinhas*, uma parte importante, em que vae perfeitamente.

NECROLOGIO.

297 Domingo 16 do corrente, pelas 11 horas da noite, falleceu *Benjamin Rodolph Comte*, professor de Gravura de Paizagem da Academia das Bellas Artes de Lisboa. Este artista distincto, natural de Payerne cantão de Vaud, na Suissa, onde nascêra em 30 de Abril de 1762, mostrando desde tenra edade decidida propensão para o desenho, foi por seu pae entregue a direcção de Mr. de Meschel, habil gravador, com quem trabalhou muitos annos. Em 1794 passou a Inglaterra, onde se aperfeiçoou nos estudos da arte em a eschóla de João Landseer, gravador do rei, applicando-se aos generos de paizagem e da architectura, e ahi trabalhou alguns annos de sociedade com o celebre gravador florentino, Francisco Bartholozzi. Em 1806, por intervenção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho foi chamado a Lisboa com 500$000 réis de ordenado. Aqui gravou dois grandes e bellos arvoredos, em um dos quaes está Narcizo vendo-se nas aguas, e no outro, Leda, pensamentos ambos de Vieira Portuense: abriu tambem o prospecto do convento da Batalha, o Aqueducto e outras obras que muito o acreditam. Em 1836 foi nomeado professor proprietario de Gravura de Paizagem da Academia das Bellas Artes de Lisboa. Foram entre outros, seus discipulos, o conselheiro, vice-inspector da mesma Academia, João José Ferreira de Sousa; Antonio Corrêa Barreto, João Pedro Monteiro e Thomaz José da Annunciação. Perdeu pois a Academia neste professor nonagenario um de seus ornamentos, e as Bellas-Artes um de seus distinctos cultores, cuja morte deixa um vacuo, que difficilmente se poderá encher.

A.

EXPOSIÇÃO PHILANTROPICA.

298 A Commissão nomeada pelo Conselho de Presidencia da Sociedade das Casas d'Azylo da Infancia desvalida desta Capital, para promover donativos de objectos de galanteria, e curiosidade, que possam formar parte d'uma Exposição de Industria e Bellas-Artes, e ao mesmo tempo servir de premios d'uma loteria tirados á sorte em beneficio d'aquelle pio estabelecimento, a exemplo da que teve logar em 1849, dirigíu-se por via de circulares ás Senhoras desta Capital, e das Provincias e Ilhas, a sollicitar a sua valiosa cooperação, dignando-se concorrer com seus donativos daquelle genero, conforme sua eleição, e bom gosto. Mas como póde acontecer que involuntariamente se tenha deixado de fazer este convite a muitas Senhoras, que estejam nas circumstancias de contribuir para o esplendor da Exposição, a Commissão pede por este modo desculpa de qualquer ommissão desta natureza, e acceitará com reconhecimento os objectos que lhe forem remettidos.

Lisboa 31 de Janeiro de 1851.

Marqueza de Fronteira.
Condessa de Rio Maior.

Condessa de Lavradio.
Duqueza da Terceira.
M. Vianna Pedra.
Secretario.

PRAÇA DE LISBOA.

299 Desde o principio do mez se começou a resentir o mercado da falta de generos vindos do Brasil. O café faltou quasi absolutamente. De 500 saccas que chegaram, 300 foram logo vendidas. O preço deste genero, por baldeação, foi de 3$500 a 3$550 réis. As vendas do assucar limitaram-se ao consumo.

Os preços do assucar, durante o mez, foram, por arroba:

Assucar de Pernambuco, branco. .	1$350	a 1$700
» do Rio de Janeiro » . .	1$300	a 1$350
» da Bahia.	1$250	a 1$450
» das Alagôas	1$200	a 1$300
» do Pará, bruto	1$000	a 1$050
» Mascavado	$850	a 1$250
» Refinado no paiz, em formas	2$200	a 3$000
» dito quebrado (pilé)	2$000	a 2$300
» dito em pó (rapé)	1$900	a 2$000

Houve falta de marfim, e no fim do mez o deposito estava exhausto. A cêra foi procurada para reexportar, e no fim do mez não se encontrava na praça. Tambem havia falta de urzella. Effectuaram-se vendas de salsa parrilha e de ourucú, para reexportar. Houve falta de gomma copal.

Fundos publicos.

	Janeiro.			
	4		25	
	COMPRA	VENDA.	COMPRA.	VENDA.
Cinco por cento.	48¾	49¼	48½	49½
Quatro por cento . . .	39½	40	39	40
Tres por cento	38¾	39¾	38½	39½
Fundo de amortização	30	34	30	34
Divida publica	2	3	2	3
Titulos Azues	3	5	3	4
Tres operações	20	25	20	22
Papel-moeda	23	26	23	25

Os preços dos fundos são em Notas do Banco de Lisboa, exceptuando o preço dos Titulos azues, Tres operações e Papel-moeda.

Metaes.

	Janeiro.			
	4		25	
	COMPRA.	VENDA.	COMPRA.	VENDA.
Peças de 8$000.	7$980	8$000	7$920	7$960
Onças hispanholas.	14$680	14$720	14$520	14$600
» mexicanas	14$580	14$600	14$440	14$500
Soberanos	4$490	4$500	4$450	4$470
Oiro cerceado.	1$960	1$980	1$940	1$960
» em barra	$025	$026	—	—
Patacas hispanholas	$928	$932	$920	$920
» brasileiras	$928	$932	$920	$920
» mexicanas	$920	$923	$920	$920
Prata em barra.	$028	$028	—	—

Acções de companhias.

A ultima cotação de Janeiro foi:

Acções do Banco de Portugal 367$000 a 370$000 rs. — do Banco do Porto 208$000 a 210$000 rs. em metal — das Lezirias 288$000 a 297$000 rs. — dos Seguros Firmeza 288$000 a 297$000 rs. — dos Seguros Fidelidade 250$000 a 255$000 rs. em metal — dos Omnibus 100$000 a 105$000 rs. em metal — das Pescarias 10$000 a 14$000 rs. — dos Vapores do Téjo 15$000 a 16$000 rs. em metal — da União Commercial 45$000 a 50$000 rs. — da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense 95$000 a 100$000 rs. — da Valla da Azambuja 45$000 a 48$000 rs.

Cambios effectuados.

Amsterdam 3 m. d.	43
Hamburgo 3 m. d.	47¾
Londres 30 d. v.	54⅛
» 60 d. v.	54¼
» 90 d. v.	54⅜
Genova 3 m. d.	522
Paris 100 d. d.	529